



## Uma historicidade do gênero crônica em Portugal – construindo-se discursos de autoridade

Robson Rafael de Oliveira Nascimento <sup>1</sup>

**Resumo:** Na pretensão de ser registro histórico, as crônicas, de uma longínqua e milenar tradição ocidental, foram elaboradas de modo a exaltar os feitos de deuses, reis e exércitos e heróis procurando a construção de um sentimento de pertencimento ou da nacionalidade. Neste artigo procuramos traçar um caminho que une as crônicas produzidas da Antiguidade representada pelo Egito faraônico até a Idade Média nas características descritas, que constituem-se “discursos de verdade” no falar de Foucault, requerendo para si autoridade de ser história, mesmo incluindo elementos fantásticos como milagres divinos e humanos, suas ações extraordinárias e descritas como memoráveis e inspiradoras. Nesses textos percebemos ter aqueles pontos em comum, de serem basicamente relatos de exaltação de atos de intervenção divinos e vitórias de monarcas e soldados excelentes nas batalhas. Intentamos, por isso, mostrar um percurso da produção crônica nesses muitos séculos de tradição no gênero para mostrar as semelhanças entre os textos, que buscam glorificar, com objetivo político-ideológico, o poder régio sobre a nações.

**Palavras-chave:** Antiguidade, crônicas, discurso, Idade Média, verdade.

**Abstract:** In the pretense of being historical record, the chronicles, of a distant and ancient Western tradition, were elaborated in such a way as to exalt the deeds of gods, kings and armies and heroes seeking to build a sense of belonging or nationality. In this article we seek to trace a path that unites the chronicles produced from the Antiquity represented by Pharaonic Egypt to the Middle Ages in the characteristics described, which constitute "discourses of truth" in Foucault's speech, requiring for himself authority to be history, even including fantastic elements such as divine and human miracles, his extraordinary actions and described as memorable and inspiring. In these texts we realize that we have those points in common, that they are basically accounts of exaltation of acts of divine intervention and victories of monarchs and excellent soldiers in battles. We therefore aim to show a path of chronic production in these many centuries of tradition in the genre to show the similarities between the texts, which seek to glorify, with political-ideological objective, the royal power over nations.

**Keywords:** Antiquity, chronicles, speech, Middle Ages, truth.

---

<sup>1</sup> Doutorado em Literatura Portuguesa pela Uerj.  
<http://lattes.cnpq.br/3907440754097034>  
E-mail: rrafaelnascimento77@gmail.com





## 1. Introdução - a autoridade do discurso cronístico<sup>2</sup>

Denominamos “crônica” redundantemente como “registro de fatos históricos em ordem cronológica”, mas prevalece o normalmente o sentido de “pequeno texto geralmente baseado em fatos do cotidiano” e de “seção ou coluna de jornal sobre tema especializado”<sup>3</sup>. O tipo textual fica hoje, então, com a função principalmente de entreter com histórias fictícias e estimuladoras de reflexão sobre certo acontecimento ou problema social. Expicitamos, no entanto, uma historicidade do gênero que remete ao seu primeiro significado e que contém direcionamentos voltados para a reafirmação de valores monárquicos, religiosos e bélicos. Pretendia-se com a escrita cronística ressaltar a ação de deuses, reis e exércitos na construção do sentimento pátrio, entendido como de pertencimento ou de superioridade civilizacional. Era a elaboração de um “discurso de verdade”, conforme afirma Michel Foucault, em *A ordem do discurso*, as verdades se formavam a partir do discurso pronunciado

por quem de direito e conforme o ritual requerido que pronunciava a justiça e atribuía cada qual a sua parte; era o discurso que, profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia passar, mas contribuía para sua realização, suscitava a adesão dos homens e se tramava assim com o destino (FOUCAULT, 1999, p. 15).

A ideia, portanto, de discurso inquestionável e fonte de razão passaria pela Idade Média, orientando os escritos deste tempo, entre eles a cronística, durando, segundo o filósofo francês, até os séculos XVI e XVII, quando aparece “uma vontade de saber”, que incute no sujeito cognoscente certa posição de ler que o leva a observar, verificar com base em conhecimento técnico acumulado, provar o discurso através de práticas como a pedagogia, exposta por meio de sistema de livros, bibliotecas e laboratórios.<sup>4</sup> Antes dessa “vontade de verdade”, como propõe Foucault, o discurso cronístico se pretendia verdadeiro, na medida em que se impunha como história verídica ou simplesmente como “história”, apesar dos milagres e feitos extraordinários de seus heróis. A motivação da escrita era justa, desprezando-se, ou melhor dizendo, inexistindo debates maiores. Não estava em questão vencer os sarracenos para a reconquista da Península Ibérica, os

<sup>2</sup> Este artigo é parte da minha tese de Doutorado intitulada *Interfaces do discurso de cavalaria medieval da Crônica do Condestabre na biografia Nada a perder, de Edir Macedo - uma nova guerra santa no Brasil*, defendida em fevereiro de 2022 sob a orientação da professora doutora Maria Cristina Batalha.

<sup>3</sup> HOUAISS, Antonio. *Minidicionário da língua portuguesa*. Elaborado ao Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa, 4ª ed., rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 211.

<sup>4</sup> FOUCAULT, 1999, p. 15.





castelhanos que cercavam Lisboa, e varrer a dominação muçulmana de Ceuta. Era preciso e pronto, pois Deus estava com os cristãos. Não esteve em discussão o Milagre de Ourique como fato histórico durante muitos séculos, até que Alexandre Herculano, só no tardio século XIX, comete a ousadia de excluí-lo de sua investigação *História de Portugal* (1846-1853) como se conhecia até então: uma intervenção divina<sup>5</sup>. O *discurso* que se pretende história e doutrina é, no falar de Foucault, “uma reverberação da verdade nascendo diante dos seus próprios olhos”, mostrando uma faceta do autoritarismo presente nos textos que pesquisamos aqui. A escrita é suficiente. Suas motivações e métodos são considerados justos, não cabendo qualquer divagação sobre a possível brutalidade desproporcional que fatalmente ocorre em qualquer confronto armígero.

O *discurso* cronístico medieval, destarte, em sua pretensão histórica submetida à fixação de um modelo de conduta “cavaleiresco e senhorial” (LANCIANI, TAVANI, 1993, p. 174), nasce já sendo um gênero “de autoridade”. Do mundo europeu do século XII, em que prevaleciam os gêneros cantados: canções de gesta, trovas e poesia lírica, emerge a prosa, a exemplo da Bíblia, como forma de escrita a se venerar e cultivar: “tudo se consolida na Escritura”, afinal “no dia do Juízo, anuncia-se o *Dies irae* e será trazido o livro escrito no qual tudo será contado” (LE GOFF, SCHIMITT, 2006, p. 81). E, ainda citando Quintiliano, um dos mestres da Antiguidade seguido pelos escritores medievais, “História é a mais próxima dos poetas e é uma espécie de poema em prosa”<sup>6</sup>. Os primeiros romances começam a surgir em língua vernácula e com eles as crônicas medievais. Há sistemática elaboração da ideia de uma “escrita séria” pela qual se devia ensinar e contar a história, e a prosa foi eleita para isto, pois, para Isidoro de Sevilha, o gênero textual “é um discurso em linha reta – *pro(r)sum* – que escapa às contorções da versificação” (p. 91). Ainda, segundo os prosadores medievais, “evita o *anfiguri* e os ornamentos fúteis do verso. Oferece o reflexo mais direto e mais fiel do pensamento. Presta-se, portanto, especialmente à expressão mais alta das coisas de Deus” (LE GOFF, SCHIMITT, 2006, p. 81).

A prosa, desse modo, se tornava a forma privilegiada da narração, sobretudo histórica, fazendo proliferar riquíssima produção romanesca, dentre elas as novelas de

---

<sup>5</sup> Foucault ainda tece um pensamento digno de nota sobre esse autoritarismo do *discurso* na Grécia Antiga até o Medievo dizendo que há uma “logofilia”, uma adoração do Ocidente ao discurso universalizado, “livre de coerções”. O autor afirma que o produto disto é uma “logofobia”, visto que gera um temor surdo do violento, do descontínuo, do combativo, da desordem e de perigoso, pregando Foucault, por fim, a libertação da soberania do significante, que seria uma dosagem das constantes relativizações dos discursos bem como seus intermináveis questionamentos (FOUCAULT, 1999, p. 70).

<sup>6</sup> “*historia [...] est enim proxima poetis et quodammodo carmen solutum.*” (In.: BURGESS, KULIKOWSKI, 2013, p. 22).





cavalaria, e claro, as crônicas, de cunho político, moralizante e didático. Politicamente, as crônicas, cujo maior expoente na Europa foi Isidoro de Sevilha, visam promover o fortalecimento da monarquia submetida aos ditames da Igreja bem como a unidade nacional:

A “laude”, ou melhor a “laude Spaniae”, o Louvor da Hispânia, entrou na historiografia hispânica pela mão do Bispo Isidoro de Sevilha, o qual, para além da sua acção religiosa e cultural, foi ainda também um teorizador político. Instrumentalizando valores veiculados pela Igreja, quer nos sus princípios doutrinários, que nos seus rituais, procurou criar uma super-estrutura que sacraliza, legitima e reforçaria a monarquia visigoda, uma monarquia que, electiva e não dinástica, foi sempre endemicamente débil (REI, 2013, p. 86).

A *Crónica Universal* (primeira edição do ano 621, segunda de 626), outra obra marcante do bispo, é apontada, no artigo de Jose Carlos Martin “*ideologicamente por la exaltación del reino visigodo de Hispânia frente al Imperio de Bizâncio*” (MARTIN, 2020, p. 3), embora unifique a história do povo em questão com a dos hebreus, usando a Bíblia como base universal. Queria Isidoro dar ao povo godo uma gênese de prestígio, ou seja, uma história que fosse unida a todos os outros povos segundo seu ponto de vista judaico-cristão, evidenciando seu projeto de formação da identidade pátria:

E por que razão uma crônica universal, primeiro, e uma história nacional depois? Porque da mesma forma que nossos manuscritos nos transmitem Bíblias acompanhados de crônicas universais que ajudaram os leitores a localizar os personagens mencionados e alguns dos eventos narrados no Escrituras Sagradas dentro de um contexto histórico mais amplo, tanto mais necessário no caso de Antigo Testamento, que preserva as tradições judaicas desconhecidas no Ocidente romano. Assim, também a história nacional de um povo bárbaro, como a dos godos, precisava ser acompanhada por um manual histórico mais geral que permitisse ao leitor situar a história particular desse povo na história universal do mundo. E por esta mesma razão a história universal dever preceder à história nacional<sup>7</sup>.

Esta forma narrativa foi amplamente difundida e utilizada em todo Ocidente latino tornando-se de fato a forma normativa da crônica. A nova forma de escrita foi

---

<sup>7</sup> “¿Y por qué razón una crónica universal, primero, y una historia nacional a continuación? Porque del mismo modo que nuestros manuscritos nos transmiten Biblias acompañadas de crónicas universales que ayudaban a los lectores a situar los personajes citados y algunos de los sucesos narrados en las Sagradas Escrituras dentro de un contexto histórico más amplio, tanto más necesario en el caso del Antigo Testamento, que conserva tradiciones judías desconocidas en el Occidente romano, así también la historia nacional de un pueblo bárbaro, como el de los godos, necesitaba ir acompañada de un manual histórico más general que permitiese al lector rubricar la historia particular de ese pueblo dentro de la historia universal del mundo. Y por esta misma razón, la historia universal debía preceder a la historia nacional.” (MARTIN, 2020, p. 4).





transmitida para todos os cantos do mundo de língua latina, primeiro através dos esforços missionários anglo-saxões, e depois, pela propagação da hegemonia carolíngia. E tamanha foi a dimensão alcançada pelo novo modelo de Isidoro que sua obra *Etymologiae* passou a servir como livros didáticos para a Europa medieval<sup>8</sup>.

Richard W. Burgess e Michael Kulikowski afirmam que a diferença entre “anais” e “crônica”, forma, portanto, de prestígio para o registro histórico, é moderna, pois, historicamente, é problemática a divisão entre elas. Trazem para o debate da diferença entre “*annales*” e “*chronica*” o comentário de que os medievalistas modernos dividem os gêneros da seguinte forma: os anais são listas anônimas breves de anos muitas vezes com anotações paratáticas raras, compiladas contemporaneamente por muitos escritores em um formato “tabular”, com um foco geralmente local ou monástico. Já as crônicas são um gênero mais desenvolvido e sofisticado, mais longo e detalhado, com narrativas analíticas mais literárias, de caráter mais “universal”, com foco ou assunto mais central e compostas por um único autor, independentemente da estrutura ou comprimento<sup>9</sup>. Os especialistas estadunidenses ainda fazem um interessante esforço para criar subgêneros dos relatos históricos. O primeiro é *fasti*, que seria simplesmente o calendário usado pelos romanos,<sup>10</sup> *annales*, confundida com “*chronica*” como já foi dito, sendo chamado frequentemente de “história”,<sup>11</sup> cuja escrita era comum para registrar ocorrências importantes dos povos da

<sup>8</sup> “It was widely imitated in the early Middle Ages and in fact became the normative form of chronicle: because Isidore was heavily used by Bede, his new form of chronicle was transmitted to every corner of the Latin-speaking world, first via Anglo-Saxon missionary efforts and then by the spread of Carolingian hegemony. So it was that, along with the *Chronica*, Isidore’s other works and particularly his *tymologiae* went on to serve as textbooks for medieval Europe” (BURGESS, KULIKOWSKI, 2013, p. 193). Sobre a influência de Isidoro na crônica peninsular leia-se também o artigo de Antônio Rei *Laude Spaniae de Isidoro de Sevilha na Cronística Medieval Peninsular (séculos VIII-XIV)* em que se incluem como seguidores deste gênero o trovador-rei Afonso X, o Sábio e D. Pedro Afonso, o Conde de Barcelos, autor do *Livro de Linhagens* e da *Crônica Geral de Espanha de 1344*.

<sup>9</sup> “Medievalists, as noted above, have devised their definitions of “annals” and “chronicle” in isolation from the earlier history of chronicles and have thus been fundamentally influenced by the use of the term ‘chronicle’ in the later medieval period: by then, lengthy and fully developed works, like that of Froissart, which we classicists would call ‘histories’, were called “chronicles”. Although their definitions are quite fluid and there is little agreement on the details within any group of scholarly works, in general medievalists draw a distinction between annals and chronicles as follows: annals are anonymous lists of years (always years AD) with very brief and often very infrequent paratactic annotations, compiled contemporaneously by many hands in a ‘tabular’ format, with a generally local or monastic focus; chronicles are a more developed and sophisticated genre, longer, more detailed, with more literary annalistic narratives, more ‘universal’ in character and with more of a central focus or subject, and composed by a single author regardless of structure or length” (BURGESS, KULIKOWSKI, 2013, p. 12).

<sup>10</sup> “The first genre we distinguish is “fasti”. The word *fasti* itself properly denotes calendars which recorded the months, days in the month, important religious festivals, and the days on which it was legal to conduct business.” (BURGESS, KULIKOWSKI, 2013, p. 10).

<sup>11</sup> “In Classical and later Latin, *annales* is for the most part nothing more than a synonym for “history”(…) from around the tenth century down to c. 1400, the word was often used as a result of direct influence from a passage in the *Etymologiae* of Isidore of Seville (where it still meant nothing more than history); and by the fifteenth and sixteenth centuries it was just another word for chronicle” (BURGESS, KULIKOWSKI, 2013, p. 288).





Antiguidade; *consularia*, listagem de acontecimentos principais no Império Romano bem como as ordens dos imperadores,<sup>12</sup> e *crônica*, no sentido histórico. Esta última, segundo os pesquisadores, alude a narrativas em que cabem comentários, linguagem aprimorada e envolvimento emocional do leitor. A cronologia é respeitada, mas não em absoluto, e os eventos relacionados de diferentes épocas podem ser narrados juntos ou fora da sequência. O narrador fornece introduções e conclusões, explicações e análises, resumos e digressões, de maneira abertamente didática e moralizante dando estrutura, coerência interna e propósito aos eventos e pessoas descritas (BURGESS, KULIKOWSKI, 2013, p. 12).

## 2. Uma história do gênero crônica de seus primórdios na Antiguidade até o fim da Idade Média

A cronística em língua portuguesa desenvolve-se sob a instrução “neo-isidoriana” (LANCIANI, TAVANI, 1993, p. 173), no entanto, a ideia de um relato histórico com vistas ao enaltecimento de reis, exércitos, deuses e principalmente heróis parece vir de uma longínqua tradição que nos remete aos tempos do Egito Antigo, Mesopotâmia, Assíria, Babilônia, até chegar finalmente à Grécia e Roma. A professora doutora Maria do Amparo descreveu com excelência as vozes greco-romanas e judaico-cristãs na produção de Fernão Lopes em sua pesquisa *Fernão Lopes e a retórica medieval*, cujo trabalho leva a perceber a ressonância de Aristóteles<sup>13</sup>, Cícero<sup>14</sup>, Quintiliano e muitos outros mestres da retórica ecoantes no Medievo<sup>15</sup>. Entretanto, julgamos oportuno comentar um percurso da cronística desde suas origens pré-clássicas.

---

<sup>12</sup> “*Consularia existed only during the Roman period, and though they began as a separate Roman genre, they were absorbed into chronicles in late antiquity. Both chronicles and consularia can use consuls as their chief chronological system, but that does not make them same thing*” (BURGESS, KULIKOWSKI, 2013, p. 35).

<sup>13</sup> “Que Fernão Lopes conheceu, admirou e acatou as lições do sistematizador da arte retórica não temos dúvidas, mesmo que esse conhecimento fosse apenas indireto. Conforme o já visto, Aristóteles é por ele qualificado de “*aquell claro lume da fillosophia*” (LOPES, 1966, p. 216). Suas ideias sobre a justiça e a filosofia política são pelo cronista assimiladas e até desenvolvidas.” (MALEVAL, 2010, p. 76).

<sup>14</sup> “Para terminar, valeria destacar o *modus operandi* adotado por Cícero para compor o seu tratado, que também será o expressamente aceito pelo cronista: defende, no início do Livro II, a necessidade de utilização de várias fontes para escolher o dado que for mais conveniente ou convincente em cada uma.” (MALEVAL, 2010, p. 95).

<sup>15</sup> “Também Quintiliano aparece como personagem, da mesma forma que muitas outras autoridades, clássicas ou cristãs, como Sêneca, Santo Agostinho, Santo Tomás, Santo Ambrósio, São Jerônimo, etc. – o que é mais um argumento a favor da importância que os mestres da oratória possuíam em Portugal à época de Fernão Lopes.” (MALEVAL, 2010, p. 71).





Ainda segundo a investigação de Burgess e Kulikowski, as crônicas têm uma longa história no “mundo não-cristão”, que bebe das fontes do mundo pré-clássico. O gênero não foi uma invenção de Antiguidade Tardia ou da Idade Média, “mas a consequência natural de uma tradição mediterrânea milenar de escrever história”<sup>16</sup>, pois se percebe semelhanças notáveis entre a produção do mundo pré-cristão e a que lemos no Medievo<sup>17</sup>, tais como exaltação do poder régio e sua autoridade divina, atribuição de certas ações a deuses e glorificação de heróis coletivos ou individuais, nossa leitura da *Crónica do Condestabre*<sup>18</sup> em nossa Tese de doutorado.

Há muitos vestígios desses traços nas crônicas do mundo antigo e nas medievais. Sobre a exaltação do poder régio e sua autoridade divina citamos preliminarmente os anais produzidos no Egito Antigo, durante a 25ª Dinastia (c. 750–650 a. C.), em cujo relato transparece o cunho percebido, como destaca Burgees e Kulikowski:

Os anais provavelmente [eram] destinados a um templo, talvez como parte de um culto ancestral (como a lista do rei de Karnak de Tutmés III e a lista do rei no templo de Seti I em Abidos) [...]. Os registros nos anais (reais) indicam as principais atividades (reais ou simbólico) em que o rei se envolveu, além daquelas que o tribunal considerou dignas de registro em um cenário que promoveria a ideologia da realeza divina para a eternidade. Assim, os anais são uma fonte particularmente informativa sobre como a corte real do início do período dinástico e o Reino Antigo encaravam seu próprio papel<sup>19</sup>.

O segundo exemplo desse entrelaçamento cronístico de ações monárquicas com a de deuses está nas crônicas dos povos sumérios. Conforme Burgees e Kulikowski, as

---

<sup>16</sup> “Part of the purpose of this volume is to demonstrate that late antique and medieval chronicles, of which so many examples are extant, were not an invention of Christian late antiquity or the Middle Ages at all, but rather the natural outgrowth of a millennium-old Mediterranean tradition of writing history.” (BURGESS, KULIKOWSKI, 2013, p. 7).

<sup>17</sup> “If one takes a wider view, however, it is clear that this Hellenistic Greek tradition developed out of a much older historiographical tradition, common to many Mediterranean cultures and reaching back to the third millennium BC. Works that closely resemble Hellenistic, Roman, late antique, and medieval chronicles were written in Egyptian, Babylonian, Assyrian, and other Near Eastern contexts” (BURGESS, KULIKOWSKI, 2013, p. 7).

<sup>18</sup> “Fundamentalmente, a *Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra* é uma biografia com três vectores: o genealógico (cap. I), o militar (quase todos os restantes) e o religioso (cap. LXXX), em que o relevo da vertente militar é de longe, como se vê, o mais notório. A figura que se destaca da *Estória* é a do Nun'Alvares que praticou uma longa sucessão de feitos militares e que terá desejado praticar outros tantos se as circunstâncias e a sujeição hierárquica aos reis lho tivessem permitido. E a “estória” diz-nos mesmo qual a sua motivação dominante: ganhar nome e fama, sem quebra do serviço ao rei.” (*Estória de Dom Nuno Alvrez Pereyra*, 1991, Introdução, LXXVII).

<sup>19</sup> “The annals were [therefore] very probably intended for a temple setting, perhaps as part of an ancestor cult (like the Karnak king list of Thutmose III and the king list in the temple of Seti I at Abydos) [...]. The entries in the (royal) annals indicate the principal activities (actual or symbolic) in which the king engaged, moreover those which the court deemed worthy of record in a setting which would promote the ideology of divine kingship for eternity. Thus, the annals are a particularly informative source for how the royal court of the Early Dynastic period and Old Kingdom viewed its own role.” (WILKINSON, T. A. H. apud BURGEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 65).





primeiras crônicas sobreviventes da Mesopotâmia são aquelas escritas em sumério, “embora não sejam crônicas completas, como mais tarde as babilônicas, gregas e latinas” (p. 67). A maioria daqueles documentos são meramente listas de reis, chamadas por estudiosos do Oriente Próximo de “crônicas reais” datadas entre os séculos XXI e XVII a. C., contudo, inserindo “uma curta narrativa mitológica” (BURGEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 67). Os assírios compilaram sua primeira crônica epônima conhecida nos anos de Naram-Sin, rei de Ashur (c. 1872 a. C.), até o final do reinado de Shamshi Adad I (c. 1776 a. C.). O escrito é uma lista de epônimos de acordo com os reis bem como das pessoas que ocuparam os cargos de maior importância (governadores, camareiros, arautos do palácio ou chefes mordomos). As crônicas produzidas relatam campanhas militares, eclipses solares, inundações, fundação e conclusão do templo de Nabu em Nínive, pragas, massacres, a captura da cidade de Arpad depois de três anos, e “momentos em que o rei pegou a mão de Bel”, que seria uma divindade cultuada pelos assírios (BURGEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 69).

No primeiro Império Babilônico, desde o reinado de Sargon (c. 2300 a. C.) até o século XIII a. C., foi elaborado um tipo de sistema cronológico em listas de datas para que as pessoas se situassem no tempo conforme os acontecimentos mais importantes no reino. Essas listas de datas são conhecidas em sequência do século XXI ao XVII a. C. Eis um exemplo do reinado de Hamurabi, rei da Babilônia, de 1786 a 1771 a. C. e o reforço no seu poder, suas conquistas e na intervenção dos deuses, com o objetivo místico de ter “um meio de adivinhação para determinar o futuro”:

Uruk e Isin foram conquistados.  
O país Emutbal.  
O canal (chamado) Hamurabi-hegal (foi cavado).  
Exército e habitantes de Malgia foram esmagados.  
Ele (Hamurabi) conquistou Rapiqum e Shalibi.  
Ele construiu um trono para a deusa Sarpanit.  
Um suporte de cobre para uma estátua real.  
Ele construiu um trono para a deusa Inana da Babilônia.  
As sete estátuas.  
Ele construiu o trono do deus Nabium.  
Ele fez a imagem da deusa Inanna de Kabalbarru "tão alta quanto o céu".  
Ele construiu o estrado principal de Enlil na Babilônia.  
O grande muro de Igi-hursag.  
No ano seguinte ao "muro de Igi-hursag"/ trono de Meri.  
O muro da cidade Bazu foi construído.  
A estátua do rei Hamurabi (concedendo) justiça<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> “Uruk and Isin were conquered.  
The country Emutbal.  
The canal (called) Hammurabi-hegal (was dug).







Chegando ao tempo dos gregos clássicos, a cronística ainda apresentará seu compromisso do registro para a posteridade, mas ainda contendo estes traços de exaltação ao monarca e de misticismo. Os indícios de que se dispõe é que textos parecidos com as crônicas começam a ser produzidos na Grécia no período helenístico, cujas obras acreditava-se terem sido uma espécie de história local ou cívica, chamadas inicialmente de *ωροι* (*horos*). Implicava num relatório anual com enfoque mais genealógico e geográfico, se comparado aos contos mitológicos anteriores, embora não os abandone totalmente (*Ibidem*, p. 80). Escritos em Jônia, do início ao meio do século V a. C., o mais antigo *horos* atestado foi provavelmente escrito por Caronte de Lampsacus, embora ele tenha sido datado em 400 a. C.. Era chamado de *Ωροι Λαμψακηνων* (*Horos dos Lampsacenes*) e foi composto em quatro livros, sendo desenvolvido posteriormente por Hellanicus de Lesbos (em *Αττικη ξυγγραφη*, *História da Ática*), Philorochus em 260 a. C. e Dionísio de Halicarnassus. Estes escritos não são considerados “crônicas” (chamados de *atthis*) no sentido que investigamos aqui, embora se ocupassem de fazer algum registro dos fatos que ocorriam, mas iniciam a tradição na Grécia Antiga da valorização da história.

Demétrio, do qual se tem poucas informações, a não ser algumas trazidas pelo Mármore de Paros, de 264 a. C., apresenta uma relato sobre política, ações militares, história religiosa e intelectual, que começa com o mitológico rei Cérops, tratado no texto como o primeiro rei de Atenas (como ele estava na *História da Ática* de Hellanicus), sendo considerada a primeira crônica grega<sup>21</sup>. O Mármore de Paros contém dados sobre “figuras mitológicas conhecidas” (BURGEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 84) e sobre reis importantes, particularmente os da Macedônia, Siracusa e Pérsia. Também se refere aos

---

*Army and inhabitants of Malgia were crushed.  
He (Hammurabi) conquered Rapiqum and Shalibi.  
He constructed a throne for the goddess Sarpanit.  
A copper stand for a royal statue.  
He constructed a throne for the goddess Inanna of Babylon.  
The seven statues.  
He constructed the throne of the god Nabium.  
He made the image of the goddess Inanna of Kabalbarru “as high as the sky”.  
He constructed the main dais for Enlil in Babylon.  
The big wall of Igi-hursag.  
The year following “The wall of Igi-hursag”/The throne of Meri.  
The wall of the town Bazu was built.*

*The statue of Hammurabi (as) king (granting) justice”* (PRITCHARD, J. B., apud BURGEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 72). No segundo Império Babilônico, estabelecido entre os anos 636 e 539 a. C. foi composto, segundo a pesquisa dos especialistas estadunidenses, *The Religious Chronicles*, em que se relata a ocorrência de fenômenos naturais sendo interpretados como ações de deuses, entidades fantásticas, presságios ou sinais (BURGEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 299).

<sup>21</sup> “*In other words, the Parian Marble may be the earliest Greek chronicle, to survive in its original form.*” (BURGEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 85).





fundamentos das principais cidades, importantes batalhas e eventos políticos geralmente com as datas e, às vezes, com informações biográficas sobre nascimentos e mortes (BURGEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 84). Eis um trecho do importante achado arqueológico e literário que fala sobre o mítico rei Cécrops:

*Fragmento A*

De todos os tipos de registros e histórias gerais, produzi um cronológico registro do passado, começando com Cécrops, o primeiro rei de Atenas, até o arcontes [...] em Paros e Diognetus em Atenas (264-263 a. C.)

Cécrops tornou-se rei de Atenas e o país foi chamado Cecrópia, tendo anteriormente chamado Ática de Acteu, que era natural (da região) 1318 anos atrás. (1581-1580 a. C.)

Deucalião tornou-se rei perto de Parnaso, em Licória, quando Cécrops era rei de Atenas há 1310 anos. (1573-1572 a. C.)

Houve um julgamento em Atenas entre Ares e Poseidon sobre o filho de Poseidon Halirrótios e o local (do julgamento foi chamado de Monte de Ares (areópago) 1268 anos atrás, quando Cranaós era rei de Atenas. (1531 a 1530 a. C.)

Houve uma inundação no tempo de Deucalião, e Deucalião fugiu da inundação de Licoreia a Cranaós em Atenas, construiu o templo do Zeus Olímpico e fez agradecer ofertas por sua libertação 1265 anos atrás, quando Cranaós era rei de Atenas (1528-1527 a. C.)<sup>22</sup>.

Eratóstenes (c. 285–194 a. C.), chefe da Biblioteca Alexandrina em c. 245, conta-se entre os principais desenvolvedores do gênero. Por volta de 222 a. C. ele compôs a primeira cronologia universal detalhada e cuidadosamente pesquisada da história grega, que chamou *Περι χρονογραφιών* (*Escritos dos Tempos*) (*Ibidem*, p. 86). Começou sua cronística com a Guerra de Tróia, que situou no anos que chamaríamos de 1184-1183 a. C. (860 anos antes da morte de Alexandre em 323 a. C. e 407 anos antes da primeira Olimpíada, de 776 a. C.). Usou os Jogos como um sistema cronológico unificador, e em sua opinião, tudo antes da Guerra de Tróia era fundamentalmente mítico e a história só poderia ser considerada precisa após a primeira edição do evento tornando-se pioneiro na

---

<sup>22</sup> *Fragment A*

*“From all types of records and general histories I have produced a chronological record of the past beginning with Cecrops, the first king of Athens, down to the archons [...] in Paros and Diognetus in Athens. (264–263 BC)*


*Cecrops became king of Athens and the country was called Cecropia, having previously been called Actica from Actaeus who was a native (of the area) 1318 years ago. (1581–1580 BC)*

*Deucalion became king near Parnassus in Lycoria when Cecrops was king of Athens 1310 years ago. (1573–1572 BC)*

*There was a trial in Athens between Ares and Poseidon over Poseidon’s son Halirrhothius and the location (of the trial) was called the Hill of Ares (Areopagus) 1268 years ago, when Cranaus was king of Athens. (1531–1530 BC)*

*There was a flood in the time of Deucalion, and Deucalion fled the inundation from Lycoreia to Cranaus in Athens, built the temple of Olympian Zeus, and made thank offerings for his deliverance 1265 years ago, when Cranaus was king of Athens. (1528–1527 BC)”* (BURGEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 301).





separação entre história que se pretende ser o relato de fatos “reais” e mitologia. Com sua pesquisa, Eratóstenes foi considerado parâmetro com o qual cronistas equilibram suas obras.<sup>23</sup> Seu notável sucessor Apolodoro (c. 180-120 a.C.) foi um cronógrafo que usou a biblioteca alexandrina e a de Pérgamo para pesquisar sua *Χρονικα* (*Crônica*), baseada em Eratóstenes, em que volta a incluir a mesma mistura de mitologia e material histórico, como vimos nas crônicas do Oriente Próximo e anteriormente nas obras cronográficas gregas. Seu modelo foi seguido à risca por escritores como Flégon de Tales, Plutarco e outros que lhe sucederam a ponto de o gênero ser chamado, a partir dele, de *Χρονικα*<sup>24</sup>. Por fim, temos Cassio Longino (ou *Cassius Longinus*), que se inscreve como o último cronista grego pagão, trabalhando entre 253 e 268 d. C., e também tendo como base a Olimpíada e provavelmente o caráter mítico e religioso que se dava às competições esportivas.

Quanto à produção historiográfica latina, a evidência mais antiga vem do fim da República, quando as crônicas gregas de Apolodoro se tornaram mais conhecidas em Roma para servir-lhes de base e inspiração. O republicano e biógrafo Cornelius Nepos (c. 110–24 a. C.) e o amigo de Cícero, T. Pomponius Atticus (110–32 a. C.), foram os primeiros a escreverem obras cronológicas, imitando a *Χρονικα*. A *Chronica* de Nepos era uma crônica universal em três livros, provavelmente escritos no início dos anos 50 a. C. ou antes, enquanto que o *Liber Annalis*, de Atticus, era uma crônica da história romana em um livro, escrito entre 50 e 46. O cunho mítico e aristocratizante da escrita foi amplamente herdado dos gregos. Assim como a vultuosa *Eneida*, de Virgílio, se pretende ser a história de fundação de Roma, a cronística, indissociada da intervenção dos deuses gregos romanizados discorre os fatos sob esta visão, carregada de superstições e ocorrências estranhas, sem nenhuma explicação senão pelo misticismo e credence<sup>25</sup>, o que nos leva diretamente ao advento do cristianismo que passa, na história da cronística ocidental, a interpretar a História sob seu crivo ainda na Roma politeísta.

Em trechos da consularia romana já lemos relacionado o nascimento, morte e ressurreição de Jesus Cristo, martírio dos apóstolos Pedro e Paulo, a fundação da igreja

---

<sup>23</sup> “Eratosthenes’ work gave the chronicle respectability and authority within the Greek intellectual world, and his chronology became the yardstick against which all later Greek chronologies were measured” (BURGEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 87).

<sup>24</sup> “This was so much so, in fact, that its title, (...) “chronicle”, was used by many other authors and it eventually became the generic term for that kind of history” (BURGEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 89).

<sup>25</sup> “To supplement these basic items, the compiler includes a variety of other information about each emperor, where available, usually building projects, but also disasters like riots and collapsing amphitheatres and oddities like the birth of a piglet that looked like an elephant. (...) As a subgenre, it played to a public fascination with the ‘tabloid’ aspects of history: monarchy, money, death, disaster, and the bizarre” (BURGEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 97).





de Constantinopla, a morte de Augusto Juliano, lida como consequência de sua apostasia, uma terrível chuva de granizo como mandada por Deus, e outros acontecimentos da história cristã considerados também como história geral<sup>26</sup>.

Por grande influência de cronistas tardo-antiquistas, como Jerônimo e Eusébio de Cesareia, se desenvolve a escrita com intensão histórica na Idade Média. A partir do sétimo e oitavo séculos ocorre um novo desenvolvimento historiográfico, em narrativa, uma variação do gênero antigo que será chamada de "epítome" que já explicamos anteriormente, cujos principais responsáveis foram Isidoro de Sevilha, na Hispânia, e Beda, o Venerável (672-735), no mundo anglo-saxão, com seus trabalhos *De temporibus* (703) e *De temporum ratione* (725). A diferença entre estes dois mestres da cronística medieval está no protagonismo dado a Roma como depositária da cultura ocidental. Em outras palavras, para Beda, “a história era cristã, e os imperadores de Roma eram apenas mais um conjunto extinto de governantes seculares em um mar do tempo cristão”<sup>27</sup>. A centralidade da história pré-cristã está nos povos para os quais escreveu o Venerável, irlandeses, anglo e saxões, servindo-lhe, portanto de ecoante modelo de escrita histórica para a famosa *Anglo-Saxon Chronicle* (séculos IX a XII), narrativa dos povos ancestrais do atual Reino Unido, em língua vernácula.

Feito um caminho da cronística ocidental chegamos, por fim, à época da produção em Portugal do herói arturiano D. Nun’Álvares Pereira, que reproduzirá a tradição do gênero de, através do relato histórico, exaltar os valores monárquicos, religiosos e guerreiros, incutindo-os como ideais. O modelo *princeps* da escrita histórica lusitana foi

---

<sup>26</sup> “*Sex. Pompeius, Sex. Appuleius* (14)  
*Augustus for the third time and Tiberius Caesar conducted a census.*  
*4,100,937 Roman citizens were enumerated. Augustus died on 19 August.*  
*Drusus Caesar, son of Tiberius; C. Norbanus* (15) (...)  
*Octavian XIII and Silanus (2 BC)*  
*In this consulship Christ was born on 25 December.*  
*Rufus and Rubellio* (29)  
*In this consulship Christ suffered (death) on 23 March and rose (from*  
*the dead) on the twenty-fifth of the same month.*  
*Nero III and Messala Corvinus* (58)  
*In this consulship Peter and Paul suffered (death) on 29 June.*  
*Marius and Gallus* (62) (...)  
*Constantius X and Julian III (360)*  
*In this consulship the <Great> Church was dedicated in Constantinople*  
*on 16 February.(...)*  
*Augustus Julian III and Sallustius* (363)  
*In this consulship Augustus Julian was killed during the Persian war on*  
*26 June and, since he had become an apostate from God, a persecutor of*  
*the Christians was killed as well*  
*and the most Christian Jovian was proclaimed augustus on 27 June”* (BURGEES, KULIKOWSKI, 2013,  
 p. 317, 319, 320, 321, 324).

<sup>27</sup> “*For Bede, history was Christian, and Rome’s emperors were just one more defunct set of secular rulers in a sea of Christian time”* (BURGEES, KULIKOWSKI, 2013, p. 207).





a castelhana *Primeira Crônica Geral da Espanha* (entre 1260 e 1274), de Afonso X, enaltecadora das armas cristãs na Reconquista, que resultou numa releitura portuguesa chamada de *Crônica Geral da Espanha* (1344), de D. Pedro Afonso, conde de Barcelos, a obra inauguradora do gênero no país e que “suscitou várias celebrações das memórias do triunfalismo cristão hispânico” (LANCIANI, TAVANI, 1993, p. 173). Já no produtivo século XV surge a *Crônica de Portugal de 1419* ou *Crônica dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, mas sendo eclipsada pela escrita de Fernão Lopes com suas *Crônica de D. Pedro* (1434), *Crônica de D. Fernando* (entre 1436 e 1443) e *Crônica de D. João I*, Partes I e II (1449),

adaptando-se aos interesses e ao posicionamento peninsular da recém-fundada dinastia de Avis, e na sequência da Crise de 1383-1385, de uma guerra em que o país se opusera pelas armas à anexação castelhana (LANCIANI, TAVANI, 1993, p. 174).

Mesmo havendo intenção de “*escprever verdade, sem outra mestura, leixamdo nos boõs aquecimentos todo fingido louvor, e nuamente mostrar ao poboo, quaaes quer contrairas cousas, da guisa que aveherõ*” (LOPES, 1977, p. 2), objetivo que consegue, no que diz respeito a retratar o povo como personagem ativo e influente,<sup>28</sup> perpassa em sua obra o reforço de um poder monárquico messiânico (“*O Mexias de Lisboa*”<sup>29</sup>), da religiosidade como regente da história e exaltação do heroísmo cavaleiresco em batalha. Lemos bem representada a defesa dos valores descritos acima no trecho da *Crônica de D. João I, Parte I* a seguir:

*E, sendo todos assi aguardando, cada uñs em seu logar, pareceu a gente del-Rei da parte aalem de Gaia, per u el avia de viir, e os batés que andavam saleando pelo rio foram logo ali muito prestes cm grandes apupos e tanger de trombetas, mostrando grande lidice, antre os quaes era uñ fermoso e grande batel ricamente corregido e toldado, em que el-Rei avia de passar. E, como el-Rei entrou com esses fidalgos, e das outras gentes quantas caber poderom naquel e nos outros batées, começaram todos a vogar ao longo do rio; o del-Rei diante, muito apendoado, e outros todos detrás, que era gram prazer de ver. E aa porta de Miragaia u estavom atendendo, como dissemos, saío el-Rei em terra per ùa larga e espaçosa prancha, u o beijar de mão e “mantenha-vos Deos, senhor” era tanto, que nom podiam aver vez de comprir suas vontades (LOPES, 1960, p. 84).*

<sup>28</sup> “A sua **originalidade** residiria, isto **sim**, na atitude crítica que assumia diante dos fatos, procedendo ao confronto, seleção e discussão das fontes, privilegiando as documentais, numa concepção ampla do processo historiográfico, que se faz notar inclusive na importância atribuída ao elemento coletivo na narrativa” (MALEVAL, 2010, p. 63, *grifos da autora*).

<sup>29</sup> “Os gramdes aa primeira escarneçemdo dos pequenos, chamavõ-lhe poboo do Mexias de Lixboa, que cuidavom que os avia de rremiir da sogeiçõ delRei de Castella” (LOPES, 1977, p. 75; sublinhamos).





A cena reflete a grande popularidade gozada pelo Mestre de Avis ao ser o condutor da vitória portuguesa sobre Castela na célebre batalha de Aljubarrota. O povo o saúda fervorosamente e com grande reverência como o rei guerreiro que os livrou da dominação estrangeira. Ele teria sido guiado por Deus no triunfo e se pede com altos clamores a este mesmo Deus, que faça durar o reino do Mestre durante longo tempo. Vemos então fortalecido o poder do rei, na medida em que se revela com autoridade firmada pelo povo para governar, a invocação de Deus, como demonstrativo da influência da religião cristã na história e o valor cavaleiresco, pois a vitória só foi obviamente consumada pela luta armada.

Esta Idade Média crepuscular será particularmente rica em produção cronística em Portugal, o que faz ser relativamente extensa qualquer lista das crônicas que foram escritas neste tempo, entre traduções e trabalhos nacionais<sup>30</sup>. Além da composição da obra que nos serve de *corpus* em nossa Tese, a *Crónica do Condestabre* (entre 1431 e 1433), de autoria anônima, temos como as mais influentes a *Crónica da Tomada de Ceuta* ou *Crónica de D. João I, Parte III* (1450), *Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné* (1453), *Crónica do Conde D. Pedro de Menezes* (1463) e *Crónica do Conde D. Duarte de Menezes* (1468), da instrumentalidade do sucessor de Fernão Lopes como cronista-mor do reino, Gomes Eanes de Zurara. Este, ainda sob o signo da “glorificação cavaleiresca e senhorial”, promove um passado nacional laudatório na figuração das conquistas ultramarinas “exaltando como modelo do espírito cruzadístico que então alimentava a política expansionista da coroa portuguesa” (LANCIANI, TAVANI, 1993, p. 174). A título de representação, apresentamos um trecho da *Crónica do Conde D. Duarte de Menezes* que contém todos aqueles elementos que destacamos da tradição da cronística ocidental:

*Muytos certo vos são obrigados porque ajnda que os feytos de cepta sejaõ assaz de resentos depoyz que eu vi a coronica que vos delles escreuestes: a muytos fiz onrra e merçe com melhor vontade por ser*

<sup>30</sup> O fecundo século XV, quando se inicia era “além-mar” portuguesa, emoldura a produção de muitas crônicas, via de regra com o intuito da “glorificação cavaleiresca e senhorial”. Rui de Pina (1440-1522), substituto de Zurara como cronista-mor do reino foi autor de extensa obra: crônicas dos reis de Portugal do D. Sancho a D. Afonso IV e de D. Duarte, D. Afonso V e D. João II. Frei João Álvares (c. 1406-1490) contribuiu com seu *Tratado da Vida e Feitos do Muito Virtuoso Senhor Infante D. Fernando* ou *Crónica do Infante D. Fernando* (entre 1451 e 1460) juntamente com os frades mendicantes e os cónegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra (os cruzios), com a *Crónica da Ordem dos Frades Menores* (1470) e os dominicanos, com a *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus*, de Aveiro, que escreveram sobre a história dos mosteiros. Ao cabo, inscreve-se nesta listagem breve Duarte Galvão (1445-1517), instado pelo rei D. Manuel I a revigorar o sentimento pátrio, autor da *Crónica de D. Afonso Henriques* (1505) e Cristóvão Rodrigues Acenheiro (1474-1538), com sua *Crónica dos Reis de Portugal*, de 1537.





*certo dalguns boons feytos que la fizeraõ por seruiço de Deos e dos Reys meus antecessores e meu, e a outros por serem filhos daquelles que laa asim bem seruiam do que eu naõ era antes entaõ comprido conhecimento, e creio que naõ menos sera aos que depoy de min vierem quando virem ho que aueys descreuer dos feytos de Alcacer, e se alguns merecem gloria por yrem a esta terra por seruirem a Deos e a mim e fazerem de suas onrras” (ZURARA, 1978, p. 42).*

A incursão a Ceuta, território marroquino ao norte da África e primeira tomada portuguesa ultramarina, foi retratada como “*seruiço dos Reys*”, num ato de sujeição às suas ordenanças e ao projeto de expansão territorial por isto ser honroso e como “*seruiço de Deos*”, pela ideologia cristã combativa contra os chamados “infiéis”, construída desde o século III. Há, portanto, no relato cronístico de Zurara, sistêmica atribuição de razão divina aos atos do rei de invadir e dominar, importando ressaltar ainda que “deixa de fora em contraste com Fernão Lopes a quase totalidade da realidade nacional”. O cronista recebe tal crítica por justamente dar este viés excessivamente aristocratizante em sua produção pois

unilateralmente deu lugar a essas deformações de perspectiva, como a que consistiu em ver no Infante D. Henrique, seu protector, a causa única dos Descobrimentos, deixando na sombra outras personagens individuais ou institucionais, circunstâncias, antecedentes e motivações que certamente contribuíram para a grande empresa (SARAIVA, LOPES, 2001, p. 138).

### 3. Conclusão

A tradição do gênero crônica no cenário ocidental segue uma fórmula literária de exaltação do poder régio e sua autoridade divina, atribuição de certas ações a deuses e glorificação de heróis coletivos ou individuais, que começou aparentemente no Egito Antigo, como exemplificamos aqui, e se estendeu até o século XIX, quando o ousado Alexandre Herculano exclui as manifestações sobrenaturais da história dando a centralidade do relato cronístico ao Homem e não à divindade. O golpe definitivo ao discurso laudatório e entusiasta de nacionalidade no relato histórico em Portugal, porém, seria dado por Antero de Quental no *Causas da decadência dos povos peninsulares* (1871), em que ele atribui justamente àqueles elementos o atraso e a derrocada de Portugal enquanto nação a ser reerguida e desenvolvida. A cronística durante muitos séculos, contudo, aplicou a metodologia do “discurso de verdade” focaultiano valendo-se dos ingredientes que citamos de enaltecimento do poder do rei, da divindade e do heroísmo





coletivo ou individual para objetivos político-ideológicos, forjando o texto no intuito formar certa mentalidade que coaduna com o que se pretende, o domínio sobre as massas. E é precisamente este o nosso interesse em mostrar a parte da historicidade deste gênero tão influente na escrita ocidental e que se reduplica tanto em nosso tempo, principalmente no jornalismo, relato que, à semelhança das crônicas através dos séculos, pretende-se “discurso de verdade”.

## Referências

### Fontes

ANÔNIMO. **Estoria de Dom Nuno Alvrez Pereyra**. Ed. crítica com introdução, notas e glossário de Adelino de Almeida Calado. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, 1991.

LOPES, Fernão. **Crónica del rei dom João I da boa memória e dos reis de Portugal o décimo – Parte primeira**. Reprodução facsimilada da edição do Arquivo Histórico Português, preparada por Anselmo Braamcamp Freire, 1915. Prefácio por Luís Felipe Lindley Cintra. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1977.

LOPES, Fernão. **Quadros da Crônica de D. João I**. Seleção, prefácio e notas de Rodrigues Lapa. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1960.

ZURARA, Gomes Eanes de. **Crónica do Conde D. Duarte de Meneses**. Larry King (ed.). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1978.

### Estudos

BURGESS, R.; KULIKOWSKI, M. **Chonicles in the Middle Ages, Mosaics of Time: The Latin Chronicle Traditions from the First Century BC to the Sixty Century AD. A Historical Introduction to the Chronicle Genre from its Origins to the High Middle Ages**. p. 189-208. Brepols: Turnhout, 2013.







FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. Edições Loyola: São Paulo. 1999.

HOUAISS, Antonio. **Minidicionário da língua portuguesa**. Elaborado ao Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa, 4ª ed., rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. p. 211.

LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe. **Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa**. Tradução: José Colaço Barreiros e Artur Guerra. 2. ed. Lisboa: Ed: Caminho, AS, 1993.

LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval I**. Coord. da tradução Hilário Franco Júnior. Bauru: Editora EDUSC, 2006.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. **Fernão Lopes e a retórica medieval**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.

MARTIN, José Carlos. **La "Crónica Universal" de Isidoro de Sevilla: circunstancias históricas e ideológicas de su composición y traducción de la misma**. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/La-%22Cr%C3%B3nica-Universal%22-de-Isidoro-de-Sevilla-%3A-e-de-Martin/2fbaf7bdeb659d3e9c015153223e04bedb2adb59>.

Acesso em: 10 ago. 2020.

REI, Antonio. **Da crónica moçárabe de 754 à crónica general de Afonso X: A 'laude' e o 'dolo', os cimentos do discurso da Reconquista**. In: \_\_\_\_ **Colóquios Internacionais sobre Fontes Não Árabes sobre a Conquista Árabe**. Universidade de Granada. Granada: Real Academia de la Historia, p. 83-96, 2013.

SARAIVA, Antonio J, LOPES. Óscar. **História da literatura portuguesa**, 17. ed. Porto: Porto Editora, 2001.

